resenha

v. 47 • nº 1 • janeiro-abril • 2022.1

anuário antropológico

v. 47 • nº 1 • janeiro-abril • 2022.1

Sembradoras de vida. Diretores: Álvaro e Diego Sarmiento. Produção: Peru, 2019. 74 min. cor.

DOI: https://doi.org/10.4000/aa.9539

Indira Nahomi Viana Caballero

Universidade Federal do Rio de Janeiro / Museu Nacional – Brasil

ORCID: 0000-0003-2552-2115

indiranahomi@ufg.br

Pós-doutoranda no Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal de Goiás (Goiânia, Brasil). Doutora e mestre em Antropologia pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do Museu Nacional da UFRJ. Desenvolve pesquisa sobre povos andinos.

Imagens esplendorosas da serra peruana abrem o belo documentário de longa-metragem *Sembradoras de vida*, dirigido pelos irmãos Álvaro e Diego Sarmiento. Embora tenham pouca idade, eles também assinam outros filmes magníficos e reveladores da diversidade – da costa à selva – de seu país, o Peru. *Hijos de la tierra* (2014) e *Rio Verde: el tiempo de los Yakurunas* (2017), por exemplo, mostram um pouco da relação dos povos indígenas amazônicos do Peru com a terra, a floresta e as águas. Se no primeiro, a perspectiva das crianças é privilegiada, no segundo destaca-se a dos anciãos. Com o curta-metragem *El sueño de Sonia* (2015), os diretores trazem à tona o ponto de vista das mulheres e, de certa forma, aí começa *Sembradoras de Vida*, pois Sonia Mamani, a protagonista que dá nome ao curta – uma agricultora andina de Puno que sonha com abrir seu próprio restaurante –, é também uma das personagens do longa-metragem.

Sembradoras de vida transporta os espectadores diretamente para as altitudes andinas e enfoca a relação estreita entre as mulheres e a terra. Uma aproximação que se dá tanto pela capacidade de gerar vida como pelo fato de as mulheres ocuparem, via de regra, uma posição de destaque durante a semeadura – como depositadoras das sementes no solo – e, mais tarde, como aquelas que dedicarão grande parte de seus esforços para fazer a *chacra* (roça) viver. Entram em cena cinco personagens femininas (além de Sonia Mamani, Eliana Garcia, Braulia Puma, Brizaida Sicus e Justa Quispe) de diferentes partes do Peru andino rural, mas com um mesmo propósito: manter e promover o vínculo com aquela que traz tanta prosperidade às suas vidas. A terra é, assim, por onde quer que miremos, a grande protagonista do filme. Num contexto em que a industrialização da agricultura é cada vez mais intensa e as preocupações em torno das mudanças climáticas ganham força mundo afora, a posição de *sembradoras* (semeadoras) dessas mulheres nos mostra como suas vidas se entrelaçam profundamente com a vitalidade da terra e quanto cuidado e atenção estão envolvidos no longo e trabalhoso processo de cultivá-la. Isso se deve, em grande parte, ao modo como elas desenvolvem sua agricultura. Muito antes de ser uma atividade mercantil ou utilitária, seus saberes e práticas agrícolas constituem forte expressão de um modo de vida cuja origem reside no passado.

O documentário – lançado em 2019, ou seja, antes da pandemia que paralisaria nossas vidas no ano seguinte – teve ampla divulgação e circulação enquanto foi possível. Participou de inúmeros festivais internacionais de cinema e recebeu diversos prêmios – *Mejor Documental* no *25º Dreamspeakers Festival de Cine Indígena*, no Canadá (2019); *Mejor Película Premio del Público* no *17º Latinamerika i Fokus Festival de Cine Latinoamericano*, na Suécia (2019); *Mejor Película Documental* no *3º Sharjah Film Platform*, nos Emirados Árabes (2020); *Sol de Oro* no *10º Suncine/Festival de Cine de Medio Ambiente*, no México (2020), entre outros –, obtendo notável repercussão fora do Peru. Um dos gatilhos para atrair tantos olhares interessados, a meu ver, é a forma como o tema da agricultura muitas vezes chamada de "tradicional" se articula à questão das mudanças climáticas, somando-se a isso o protagonismo das mulheres enquanto cuidadoras da terra e multiplicadoras das sementes.

Este é o contorno mais geral da perspectiva oferecida pelos diretores, capaz de fazer a agricultura praticada por Sonia, Eliana, Braulia, Brizaida e Justa – herança de suas/seus ascendentes imemoriais –, ganhar destaque político e "ambiental" ao ser atrelada à designação "orgânica", emergindo como uma forma de se relacionar com a terra que se contrapõe à agricultura dos monocultivos e pesticidas. Desse modo, o trabalho rotineiro dessas mulheres – personagens que se multiplicam pelos rincões dos Andes peruanos e, não raro, são desvalorizadas – destaca-se como "luta" e sua dieta, baseada na comida "*sana*" (saudável), aparece alinhada às preocupações em torno da "segurança" e da "soberania alimentar". Esta conexão fica ainda mais explícita quando os diretores inserem na narrativa do filme o famoso festival gastronômico *Mistura*, o maior da América Latina, realizado anualmente desde 2008 na capital peruana. Vemos, então, a Sonia Mamani participando da feira com sua quinoa orgânica e recebendo o prêmio *Rocoto de Oro* pelo seu trabalho. Importantíssima menção, pois um dos papéis do evento – com forte apelo turístico – é dar visibilidade a essa agricultura e, assim, mostrar como ela é importante para a internacionalização da gastronomia peruana contemporânea e como sua fama também se deve a técnicas agrícolas e culinárias longevas e imemoriais. Para o público mais amplo, os esforços das agricultoras protagonistas destinados à vitalização da terra passam a ser lidos numa outra chave, na qual são realçados como resistência. Ao passo que seus conhecimentos e saberes herdados de suas mães e avós são tratados como armas.

Podemos dizer que a maior diferença entre a agricultura praticada por essas mulheres e a agricultura hegemônica é que a primeira está inteiramente vinculada a seres diversos, dos mais pequeninos aos maiores e mais imponentes. Não por acaso, antes da semeadura, são feitas "oferendas" e "agradecimentos" à *Pachamama* (Mãe Terra) e à *Cochamama* (*cocha*, em quéchua, significa lagoa; nas palavras de Braulia Puma, o "sangue da nossa Mãe Terra") para que os cultivos cresçam devidamente e para atrair a chuva. A ampla cadeia de viventes da qual depende essa agricultura mobiliza fortemente o debate das mudanças climáticas, sobretudo na medida em que suas praticantes notam que "*Ahora ya no es como antes. El tiempo está diferente"*. As mudanças nesse "tempo" são vistas por elas no calor excessivo, na chuva muito escassa ou, ainda, no seu atraso ou antecipação. As geadas também estão mais frequentes, a ponto de dificultarem o crescimento e o florescimento das batatas. Relatos que levam o espectador a perceber que uma das maiores mudanças em curso parece estar relacionada a uma certa confusão de sinais. Se antes, por exemplo, a observação da lua e a presença/ausência de peixes nas águas podiam sinalizar quando os esforços agrícolas deveriam começar, hoje já não mais é possível considerar essas referências. Antes "era" assim e agora "*ya no coincide*", diz Sonia, referindo-se às expectativas que se podia ter em relação à estação chuvosa e à seca, ao frio, ao calor, à geada, enfim, a tudo que se podia esperar em uma determinada época e que, recentemente, tornou-se incerto.

Todas essas mudanças e incertezas preocupam as protagonistas que veem o sofrimento de seus cultivos – chamados por elas também de "filhos" – sem água e padecendo pelo excesso de calor. Elas sabem que, no limite, alguns deles po-

Anu. Antropol. (Brasília) v. 47, n. 1, pp.244-249. (janeiro-abril/2022). Universidade de Brasília. ISSN 2357-738X. https://doi.org/10.4000/aa.9539

dem até desaparecer. Ao vislumbrar esse tipo de catástrofe, uma resposta dos povos andinos com vistas à preservação da sua biodiversidade – além das trocas de sementes, como vemos no documentário –, são os lugares destinados especialmente ao resguardo das sementes. Um importante centro dedicado a esse tipo de conservação no Peru é o *Parque de la Papa*, localizado em Pisaq (departamento de Cusco) e gerido por algumas comunidades indígenas da região, por meio de uma associação. Brizaida Sicus, uma das protagonistas e integrante de uma dessas comunidades, vai até a Noruega levar parte de sua coleção de sementes de batatas para ser abrigada num importante banco de sementes, o *Svalbard Global Seed Vault*, na ilha de Spitsbergen, no arquipélago de Svalbard. Ela confessa sentir-se feliz por saber que suas batatas não desaparecerão, mas, ao mesmo tempo, sente um pesar, pois é como deixar "um familiar querido". Em sinal de despedida, Brizaida canta para *sus papitas*: "*No estés triste, papita mía; vivirás aquí sola, lejos de casa...*". Apesar da distância, a partir do momento em que Svalbard acolhe suas batatas, torna-se um lugar importante para a jovem agricultura: "*Ahora estamos conectados con este sitio*".

Nesse sentido, um dos maiores destaques do documentário são as formas de cuidado e de atenção das mulheres para com a terra e com os seres vegetais. Nas palavras de Brizaida: "*Nosotras las mujeres estamos más atentas a la chacra y tenemos una conexión con ella*". Observar as plantas, suas raízes, suas folhas, seus frutos, como crescem e se desenvolvem, e o que as faz perecer é parte do amplo repertório que compõe o interesse profundo dessas mulheres por suas *chacras*. Uma relação que parece brotar da lembrança, sempre presente, de que suas vidas e seus corpos estão intimamente entranhados. E das entranhas da quinoa, de *sus adentros* ou de "*su chuyma*", conforme Silvia Rivera Cusicanqui (2018) – nome aimará para as entranhas superiores (pulmões, coração e fígado, conjunto de órgãos que tem estreita relação com o pensamento) –, é que se origina o alimento, como vemos na canção de Sonia: "*Mi quinua, mi quinua, tu corazón nos da buena comida; Cuando creces, cuando maduras; Tu corazón nos da comida sabrosa*" – canto de Sonia para a quinoa, durante a *Feria Gastronómica Mistura*.

Sembradoras de vida é uma bela contribuição imagética sobre o empenho de um povo para seguir praticando uma agricultura que salienta inúmeras conexões com o mundo ao redor e, principalmente, que se move na contramão dos modos de vida urbanos que tanto seduzem as gerações mais jovens. Por isso mesmo, as protagonistas tentam, de todas as formas, ensinar seus filhos a "*querer la chacra*", como nos diz Brizaida, ou seja, a amar a roça, talvez o maior aprendizado herdado por elas de suas mães e avós.

Recebido em 12/07/2021
Aprovado para publicação em 13/01/2022 pelo editor Guilherme de Moura Fagundes